

OS ARTIGOS TÊXTEIS DA FÁBRICA RHEINGANTZ: UMA ARQUEOLOGIA COM EX-OPERÁRIAS DA INDÚSTRIA

VANESSA AVILA COSTA¹; PEDRO LUIS MACHADO SANCHES²

¹*Universidade Federal de Pelotas – vanessaavilacosta@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – pedrolmsanches@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende abordar a pesquisa arqueológica que vem sendo realizada de forma colaborativa com ex-operárias da Fábrica Rheingantz, situada no município de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Esta insere-se no âmbito do projeto de pesquisa de doutorado em Antropologia (área de concentração em Arqueologia), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), intitulado “Materialidades fabris e cotidiano do trabalho feminino: uma arqueologia industrial da Rheingantz (Rio Grande-RS)”.

O projeto em questão, enfocado no campo da Arqueologia Industrial (SYMONDS, 2005; THIESEN, 2005; MCGUIRE, 2018), tem como objetivo principal compreender como era o cotidiano das operárias na Fábrica Rheingantz, através da análise das materialidades fabris (artigos têxteis, maquinários e arquitetura dos espaços de produção). Para a realização desse estudo, considera-se a importância da oralidade em pesquisas de Arqueologia Industrial, uma vez que ela oferece “uma experiência narrativa do passado recente”, trazendo “o registro material de volta à vida” (CASELLA, 2005, p. 18). Por isso, toma como fonte as narrativas orais contadas por mulheres que trabalharam neste espaço ao longo do recorte temporal correspondente aos anos de 1945 a 1996, e descendentes. Pretende-se ainda, no âmbito da tese de doutorado, apontar caminhos para a criação de um museu da indústria juntamente com ex-operárias(os), onde as mulheres sejam protagonistas e se sintam representadas.

No presente trabalho, será abordado o estudo dos artigos têxteis da indústria, mais especificamente, as peças de vestuário e cobertores, a partir das memórias das operárias que os produziram. Nesse sentido, está sendo desenvolvida uma classificação das peças através das categorias postas pelas próprias ex-funcionárias, levando em conta a importância da criação de um *corpus* documental para a realização da pesquisa arqueológica. Defende-se, conforme MENESSES (1996), o *corpus* enquanto “um instrumento de trabalho de longo alcance, capaz de abrir trilhas e continuar nos caminhos ampliados”. Afinal, segundo o autor, “não é mais possível trabalhar na situação atual de completa dispersão da documentação, que torna inviável ou comprometido o estudo comparativo, a definição de padrões e tendências” (p. 154) dos têxteis.

Contudo, o que diferencia este *corpus* dos que geralmente são empregados em pesquisas científicas é a sua construção em caráter colaborativo. Segundo SILVA et al. (2011), a Arqueologia Colaborativa, em seu escopo mais amplo, é concebida como uma prática arqueológica que tem como objetivo estabelecer a colaboração e o envolvimento de diversos grupos sociais em questões relacionadas à pesquisa e à gestão do patrimônio cultural. Dessa forma, parte-se de “uma perspectiva mais dialógica, para construir o conhecimento sobre o passado de modo mais dinâmico e dialeticamente relacionado ao presente” (p. 37).

Cabe salientar que estas mesmas peças de vestuário e cobertores, hoje em dia, tecem memórias, ativando nas interlocutoras uma miríade de rememorações sobre as suas vivências na fábrica. Dessa forma, os têxteis que estão sendo estudados neste primeiro momento, fazem parte da exposição itinerante “Lãs que tecem memórias: cotidianos de mulheres operárias na Fábrica Rheingantz”, que busca manifestar, através desses e outros objetos, o cotidiano do trabalho feminino na indústria.

2. METODOLOGIA

Nesta pesquisa arqueológica, está sendo contruída uma classificação colaborativa das peças de vestuário e cobertores produzidos na Fábrica Rheingantz. Todas essas peças fazem parte da exposição itinerante “Lãs que tecem memórias: cotidianos de mulheres operárias na Fábrica Rheingantz” e não são de propriedade da autora deste trabalho, mas, em sua maioria, de ex-funcionárias da indústria e descendentes, que gentilmente as emprestaram para a realização da exposição e da pesquisa arqueológica. A exceção é uma saia amarela, de propriedade da apoiadora da exposição, Nova Rheingantz, centro empresarial que, além do patrimônio industrial imóvel, detém os bens móveis que estão na antiga fábrica (como maquinários e tecidos) e que também são patrimônios de pessoas que trabalharam na indústria e descendentes.

Para a realização da sistematização dos dados proposta, estão sendo feitas diversas entrevistas com ex-operárias da indústria no âmbito do projeto de extensão “Objetos e Memórias da Fábrica Rheingantz”, vinculado ao Liber Studium – Laboratório de Arqueologia do Capitalismo, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), que desenvolve desde 2020 ações de extroversão do patrimônio industrial juntamente com mulheres que trabalharam no complexo fabril. Essas entrevistas não ocorrem a partir de uma estrutura pré-determinada, como em um questionário, mas se dão de forma livre, aberta, semi-guiada, privilegiando as trocas mútuas de saberes e a construção de relações de reciprocidade (ROCHA; ECKERT, 2008) com as interlocutoras, de forma colaborativa. No que diz respeito à prática colaborativa, SILVA et al. (2011) explica que, em termos metodológicos, o que a caracteriza é o diálogo e a colaboração com a comunidade em todo o processo de pesquisa, a preservação pública do patrimônio, a realização de entrevistas e de pesquisa pautada na oralidade, o emprego de vídeos e fotografias, entre outros pontos apontados pela autora.

No caso deste estudo, nesse primeiro momento, alguns desses artigos têxteis foram levados até a casa da ex-funcionária Mirlane Garcia de Oliveira. Outros, que pertencem a ela, também foram analisados pela interlocutora. Mirlane conta que iniciou na fábrica como aprendiz, na seção dos liços, aos 13 anos de idade. Depois, passou a trabalhar como tecelã. Por último, trabalhou na loja da Rheingantz e no Escritório Central até a década de 1990, quando, segundo ela, ocorreu o fechamento definitivo da fábrica.

Durante a entrevista, que foi gravada com sua permissão, cada peça foi mostrada à interlocutora, que foi descrevendo o material do tecido, o padrão, a trama, a técnica e máquina utilizada para tecer, bem como apontando uma datação relativa para alguns têxteis. A partir dessa primeira entrevista, que possibilitou a identificação parcial das peças, foi produzida uma tabela de classificação que possui, além das categorias apontadas por Mirlane, um campo para colocar o nome da proprietária do artigo têxtil, e mais dois destinados à inserção de fotogra-

fias: da peça e da sua etiqueta, privilegiando as fotos que foram tiradas pelas interlocutoras e donas dos itens.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da tabela de classificação dos têxteis, que vem sendo contruída de forma colaborativa com ex-operárias da Rheingantz, está sendo possível agrupar um número considerável de informações sobre as peças de vestuário e cobertores produzidos na indústria. Esta sistematização de dados, em um *corpus* documental consistente, seguindo as considerações de MENESES (1996), permite fazer comparações entre as peças e uma análise mais potente e sensível, conforme as categorias elencadas pelas interlocutoras: material, padrão, trama, técnica/máquina utilizada e datação relativa, assim como as fotos dos têxteis e etiquetas. Essas últimas possibilitam, inclusive, o estabelecimento de uma data aproximada de confecção das peças, uma vez que as etiquetas colocadas nas roupas e cobertores foram se transformando com o passar do tempo, de acordo com os períodos de transição sofridos pela fábrica, como a sua falência e fechamento em 1968 e reabertura na década de 1970 com a denominação de Companhia Inca Têxtil. Como relata Mirlane Garcia de Oliveira, algumas etiquetas, além da marca Rheingantz que nunca deixou de ser usada, passaram a incluir o nome “Cia. Inca Têxtil”, o que permite deduzir que as peças foram confeccionadas após a década de 1970.

Outro fator que possibilita a datação dos têxteis, conforme Mirlane, é o material utilizado na tecelagem. Segundo a interlocutora, no tempo da Rheingantz se utilizava lã pura para a confecção dos tecidos. Entretanto, no período da Inca Têxtil, o acrílico passou a ser progressivamente inserido na produção dos fios, o que diminuiu a qualidade dos tecidos. Ela ainda explica que podemos identificar a presença do acrílico quando os fios que formam as tramas dos tecidos possuem brilho aparente.

Ao todo, Mirlane identificou nove peças: dois ponchos infantis, um poncho de adulto, dois cobertores, uma manta térmica, dois casacos e uma saia. Um dos cobertores analisados, que pertence à interlocutora, possui a cor rosa e foi assim classificado por ela: lã pura, padrão floral e trama denominada roseiral. Além disso, o fio de lã foi produzido na fiação cardada, etapa onde a lã, que passa por um processo de cardagem nas máquinas denominadas cardas, é transformada em fio. De acordo com a interlocutora, esse processo se diferencia da fiação penteada, onde se fabricava os fios de lã que davam origem aos tecidos finos, produzidos nos teares automáticos. Esse é o caso da saia amarela, confeccionada em tecido fino, que pertence ao acervo da Nova Rheingantz. Segundo Mirlane, também é possível identificar o tipo de tear utilizado na tecelagem das peças com base no padrão apresentado. Ela explica que o padrão floral era tecido na máquina de tecelagem Jacquard, uma vez que os teares alemães só faziam o padrão xadrez ou com linhas retas. A etiqueta do cobertor analisado possui a marca Inca Têxtil, o que pode significar que ele foi produzido em um período de transição, onde a lã pura ainda era utilizada, ou que ele foi produzido nos anos finais da Rheingantz, com a etiqueta colocada posteriormente, o que acontecia algumas vezes segundo a interlocutora. Por isso, deve-se considerar a diferença no ano da produção do tecido, que nem sempre corresponde ao ano de confecção na costuraria da Rheingantz e colocação de etiquetas para a venda da peça na loja.

Outra peça analisada foi um poncho de adulto na cor vermelha, que pertence à interlocutora Gilda Sant’Anna, filha de operários da Fábrica Rheingantz. De

acordo com Mirlane, o tecido é de lã pura e possui altíssima qualidade, possuindo um padrão xadrez que, segundo ela, é bastante antigo. O seu fio foi produzido na fiação cardada e a tecelagem foi realizada em um tear alemão. Infelizmente, o poncho não possui mais etiqueta, o que não permite estabelecer a data com mais precisão, ainda que as interlocutoras considerem a possibilidade dele ter sido confeccionado na década de 1960, antes do fechamento da Rheingantz, visto que Gilda o ganhou de presente nesse período. Contudo, é preciso levar em conta a possibilidade do tecido do poncho ter sido fabricado antes desse período.

Mirlane também analisou um casaco de Gilda. Esse possui, segundo ela, lã e acrílico e apresenta o padrão linhas retas e trama escama de peixe, nas cores preto e branco. Como explica a interlocutora, o fio foi produzido na fiação cardada e, por conta do acréscimo de acrílico, foi feito no tear automático. O casaco, que segundo as interlocutoras foi produzido no tempo da Inca Têxtil, quando Gilda o comprou, também apresenta ombreiras, que eram tendência da moda dos anos de 1980. A etiqueta possui apenas a marca Rheingantz, sem a denominação “Cia. Inca Têxtil”, ainda que tudo indique que o tecido foi produzido no período da Inca.

4. CONCLUSÕES

Neste trabalho, defende-se a incorporação de narrativas orais e o envolvimento com grupos sociais em todas as etapas da pesquisa arqueológica. No que diz respeito à constituição do *corpus* documental, a prática colaborativa não apenas possibilita uma análise mais rica e sensível da materialidade pesquisada, como também incorpora o protagonismo de um grupo identitário. Nesse sentido, se faz necessário ressaltar a importância da criação de documentação que inclua práticas colaborativas, levando em conta as vivências, saberes e experiências das pessoas no que se refere à gestão dos seus patrimônios culturais. Considera-se que a pesquisa arqueológica que vem sendo realizada com ex-trabalhadoras da Fábrica Rheingantz é pioneira nesse aspecto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASELLA, E. "Social Workers": New Directions in Industrial Archaeology. In: CASELLA; SYMONDS (ed.). **Industrial Archaeology**: Future Directions. New York: Springer, 2005.
- ROCHA, A. L.; ECKERT, C. "Etnografia: saberes e práticas". **Iluminuras Revista Eletrônica**, v. 9, n. 21, 2008.
- MCGUIRE, R. Construyendo una arqueología de la clase obrera: el proyecto arqueológico Guerra del Carbón en Colorado. **Revista de Arqueología Histórica Argentina y Latinoamericana**. N. 12, 2018.
- MENESES, U. Morfologia das cidades brasileiras: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana. **Revista USP**, São Paulo (3): 144-155, 1996.
- SILVA, F. et al. Arqueología colaborativa na Amazônia: Terra Indígena Kuatinemu, Rio Xingu, Pará. **Amazônica**. 3 (1): 32-59, 2011.
- SYMONDS, J. Beyond Machines and The History of Technology. In: CASELLA; SYMONDS (ed.). **Industrial Archaeology**: Future Direction. New York: Springer, 2005.
- THIESEN, B. **Fábrica, Identidade e Paisagem Urbana**: Arqueología da Bopp irmãos (1906- 1924). Tese (Doutorado em História) – PUCRS, Porto Alegre, 2005.